

O papel do turismo de observação da vida selvagem para a conservação da natureza

The role of wildlife watching tourism for nature conservation

Paula Normandia Moreira Brumatti

RESUMO

Atualmente, o turismo apresenta-se sob as mais diversas formas. O crescimento da demanda, oferta turística e facilidades para as viagens tornaram o mundo inteiro acessível aos viajantes, os quais procuram cada vez mais a flexibilidade das práticas recreativas, colaborando para segmentação dos mercados busca por experiências turísticas mais autênticas. Neste contexto, insere-se o turismo de vida selvagem, que ganha destaque no cenário turístico internacional, por representar uma atividade com rápido crescimento e geradora de benefícios econômicos significativos, além de prever a conservação da natureza. Vários são os exemplos de práticas turísticas que se enquadram neste segmento, inclusive a observação da fauna em seu habitat natural. Considerada uma prática ecoturística, a proposta do turismo de observação da vida selvagem é garantir a interação humana com os animais silvestres de forma contemplativa, minimizando os impactos negativos às populações e ao ambiente em que vivem. Ainda prevê contribuir financeiramente na conservação dos recursos naturais, através das receitas turísticas geradas e para a sensibilização ambiental e mudança de atitudes dos turistas e agentes todos os envolvidos. O objetivo deste trabalho é apresentar a comunidade acadêmica, através de pesquisa bibliográfica, o turismo de observação da vida selvagem, sua importância e dimensão no cenário turístico internacional e, principalmente, o seu papel para a conservação da natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Turismo; Observação da Vida Selvagem; Conservação.

ABSTRACT

Currently, tourism presents itself under different forms. The increasing of tourism demand and facilities for travel have made the world accessible to travelers, who seek for flexibility of recreational practices, contributing to market segmentation searching for more authentic self-experiences. In this context, the wildlife tourism has gained acknowledgement worldwide as an activity with express growth, bringing significant economic benefits in addition providing environmental conservation. There are several examples of tourism practices as part of this segment, including observing wildlife in their natural habitat. Considered an ecotourism practice, it may ensure human interaction with wild animals in a contemplative form minimizing negative impacts on animal populations and their habitats. Still provides a financial contribution in conservation of natural resources through tourist revenue generated and increase tourists' awareness on conservation by changing their attitudes. The target of this paper is to present the academic community through a research bibliography the wildlife watching, its importance on international tourism market and especially its role for providing environmental conservation.

KEYWORDS: Tourism; Wildlife Watching; Conservation.

Introdução

Certamente, desde as origens, o homem se viu impulsionado a deslocar-se por diferentes razões: caça, religião, comércio, lazer, entre outras. Mas, foi o desenvolvimento das comunicações, dos meios de transporte e, principalmente, da tecnologia que ampliaram as oportunidades de se chegar a diferentes destinos, mesmo em lugares quase inóspitos, fazendo com que o turismo se tornasse um dos principais setores socioeconômicos mundiais.

De acordo com Trigo (1998), é evidente que o crescimento do turismo está vinculado às novas condições de vida e trabalho e mudanças de hábitos instituídas às sociedades pós-industriais (pós Segunda Guerra Mundial), onde as pessoas conquistaram o direito ao tempo livre e deixaram de enxergar o individualismo e o prazer pela vida como algo negativo e pecaminoso. É neste momento que o turismo e as viagens tornam-se objetos de consumo da sociedade contemporânea e, cada vez mais, multiplicam-se as motivações e desejos pessoais do viajante.

Atualmente, o turismo apresenta-se sob as mais diversas formas. Segundo Ruschmann (2001), o crescimento da demanda, oferta turística e facilidades para as viagens tornaram o mundo inteiro acessível aos viajantes e o “novo turismo” é caracterizado pela flexibilidade das atividades, pela segmentação dos mercados e por experiências turísticas mais autênticas. Hoje, a qualidade de um destino turístico é avaliada com base na originalidade de suas atrações ambientais e no bem-estar que elas proporcionam aos visitantes e à população local.

Neste artigo aborda-se como o turismo é compreendido na atualidade e suas tendências, bem como se apresenta um segmento deste mercado em expansão: o turismo de observação de vida selvagem, considerando a sua importância na conservação da natureza. Este estudo visa apresentar através de conceitos e exemplos um tipo de turismo baseado na natureza que vem ganhando destaque no mercado turístico, dada a sua relevância econômica, social e ambiental. Neste momento, é proposta uma reflexão de como é possível utilizar os recursos naturais em prol de sua própria conservação através de atividades humanas recreativas como o turismo.

O turismo e suas implicações

O turismo pode receber inúmeras definições. Pode ser pensado como sendo *“uma gama de indivíduos, empresas, organizações e lugares, que se combinam de alguma forma para propiciar uma experiência de viagem”* (COOPER *et.al.*, 2001, p.40), ou ainda, *“uma atividade humana intencional que serve como meio de comunicação e como elo de interação entre povos, tanto dentro como fora de um país. Envolve o deslocamento temporário de pessoas visando à satisfação de outras necessidades que não a atividades remuneradas”* (WAHAB, 1972 *apud* TRIGO, 1998, p.12).

Mas, de acordo com a Organização Mundial de Turismo (OMT, 2001) mesmo as viagens a trabalho podem ser inseridas no turismo, uma vez que *“compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes de seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, por lazer, negócios ou outros”* (*Op. cit.*, p.3).

No entanto, com as mudanças sociais e tecnológicas, ocorridas principalmente a partir dos anos 50, as viagens transformaram-se na atividade de lazer mais desejada e acessível, proporcionando, cada vez mais, experiências enriquecedoras aos viajantes, nas suas mais diversas formas e em lugares extremamente distintos, transformando-se num fenômeno mundial complexo.

Com a maturidade do setor turístico e a maior informação e sofisticação dos turistas, desenvolveram-se tipos especiais de serviços e produtos para atender às suas necessidades. Esses serviços e produtos originaram-se de mudanças e de pressões exercidas sobre componentes da oferta turística (como destinos e atrações), bem como sobre o público viajante (OMT, 2003, p.86).

Desta forma, o turismo pode ser considerado, então, como uma atividade multidimensional e multifacetada, que tem contato com muitas vidas e atividades econômicas diferentes (COOPER, 2001). É fato que inúmeros estudiosos tentam chegar a um consenso para definir esta complexidade do fenômeno turístico, objetivando criar um modelo que permita reconhecer todos os componentes envolvidos no sistema turístico e suas inter-relações.

Além da percepção de que o turismo necessita de diversas áreas do saber para que a atividade seja tratada de uma forma mais integrada, modelos foram criados, dentre os estudiosos em turismo, levando em consideração as relações e inter-relações sociais, ambientais e políticas que este provoca, é fruto ou altera (LEME, 2007, p.19).

De uma maneira geral, os modelos para sistema turístico propõem uma relação entre três principais conjuntos: a organização estrutural, composta pela infraestrutura e superestrutura; as ações operacionais, relativa ao mercado, ou seja, composta pela oferta e demanda, produção e consumo; e as relações ambientais, que representa o conjunto de fatores provenientes do ambiente externo, da sociedade, como os fatores ecológicos, sociais, econômicos e culturais (BENI, 1998). A perfeita sintonia entre todos os componentes envolvidos no sistema turístico é o que levará à satisfação das necessidades e exigências dos turistas (FERNANDES; COELHO, 2002) e das populações anfitriãs.

Entretanto, o turismo atual vai muito mais além da satisfação dos turistas, uma vez que, como os próprios modelos apontam, interfere e é interferido pelos elementos externos a ele.

O fato é que uma relação favorável entre o consumidor e a empresa pode não ser favorável à sociedade como um todo. Os impactos econômicos, sociais, ambientais, espaciais e culturais, resultantes diretamente de ações turísticas que não respeitam as limitações de uma destinação, a invadindo (mesmo que esta não esteja preparada para receber a demanda), podem manifestar-se de maneira bastante desfavorável (RESENDE, 2005, p.15).

Pensando na perspectiva econômica do turismo e considerando-o uma atividade eminentemente de prestação de serviços, enquadra-se no setor terciário da economia e, portanto, interage com os demais setores, podendo desencadear um processo de irradiação de benefícios a todos eles (FERNANDES; COELHO, 2002), conhecido com o efeito multiplicador. Por este motivo tem sido elogiado e colocado à frente de muitas políticas econômicas nacionais como um setor prioritário de investimento.

Segundo a OMT (2001), a importância econômica do turismo relaciona-se à oportunidade de “exportação” de determinada região ou nação até o lugar de destino, capaz de gerar renda, favorecer a criação de empregos, entrada de divisas, aumento de impostos e aquecimento da atividade empresarial. Esses efeitos são consequências do círculo de relações que se forma entre as empresas fornecedoras, empresas turísticas e, o mais importante, os turistas. O grande problema está quando esses efeitos positivos são encarados e tomados como a “salvação” das economias nacionais, regionais ou locais.

Embora a atividade turística colabore para o fortalecimento das relações econômicas de determinadas localidades, os seus custos não podem ser desconsiderados (OMT, 2001; RUSCHUMANN, 2001). Dentre eles é importante ressaltar:

- O custo de oportunidade, o qual se refere à ponderação sobre os investimentos realizados sobre os recursos turísticos, que muitas vezes são limitados, fazendo-se necessária a avaliação do real retorno provido pela oportunidade. Isto é, se os benefícios gerados com determinada atividade turística são os mesmos, ou melhores, caso os investimentos tivessem sido destinados a outro uso ou ao não-uso do recurso;
- O custo das flutuações da demanda turística que se refere à sazonalidade da demanda que é dependente das mudanças econômicas, políticas e sociais, podendo trazer sérios problemas às localidades que dependem majoritariamente da atividade turística;
- A inflação e a especulação imobiliária, presente no turismo elitizado, responsável pela elevação dos preços de produtos e serviços que nem sempre podem ser acompanhados pelas comunidades receptoras locais, ou seja, o custo de vida se torna maior;
- A perda de benefícios potenciais, que se refere às localidades onde os investimentos turísticos são dependentes do capital estrangeiro e, portanto, os lucros com a atividade não permanece no local, sendo usufruído apenas pelos investidores;
- As distorções na economia local, a qual é provocada quando o turismo passa a ser a prioritário no desenvolvimento local ou regional, deslocando grande parte dos recursos financeiros e humanos, gerando deficiências nos demais setores da economia.

Portanto, embora as implicações econômicas do turismo tenham se apresenta-

do favoráveis, é imprescindível uma avaliação mais ponderada sobre os valores envolvidos e a sua distribuição, ou seja, o estudo da relação custo-benefício da atividade seja para uma localidade, comunidade ou recurso turístico.

Pensando nas perspectivas social e cultural, o turismo que promove o deslocamento de pessoas e o contato com diferentes sociedades e seus valores culturais representa um grande estimulador de novas relações. Isto se deve ao fato de que representa uma atividade baseada em necessidades e anseios humanos, ou seja, os turistas ao visitarem um lugar tendem a estabelecer relações com as pessoas e atrativos (naturais, culturais), e possuem expectativas a serem atendidas, da mesma forma que a população receptora também as possuem. Desta maneira, é possível o reconhecimento das diferenças entre valores, costumes e necessidades, onde se estabelece uma relação de troca social.

Além disso, a atividade turística é capaz de estimular através dos investimentos melhorias na área da saúde, segurança, infraestrutura básica e educação, ou seja, na qualidade de vida, uma vez que as populações locais devem estar preparadas para atender o público visitante e, de uma maneira geral, exigente.

No entanto, diversos autores apontam a ineficiência turística relativa às dimensões socioculturais, percebidas quando o desenvolvimento do turismo em uma localidade leva a uma profunda desilusão por parte de sua população (RUSCHMANN, 2001), ocasionada por atividades que não trazem efetivamente a melhoria na qualidade de vida local e por turistas não estabelecem contatos e trocas harmoniosas. São inúmeros os casos onde os investimentos turísticos proporcionam apenas a melhoria nas condições de atendimento aos turistas, excluindo as populações locais de qualquer participação (criam-se lugares restritos, importam-se mão de obra, especulam-se os imóveis, as terras). Além disso, ao contrário da valorização do artesanato local, da herança cultural, do patrimônio histórico e do estímulo ao orgulho étnico, o turismo também pode ser capaz de descaracterizar, vulgarizar e destruir toda essa herança histórica e cultural, criando espetáculos e um mundo para turista ver.

De acordo com Pellegrini Filho (1993), a responsabilidade social do turismo está na valorização da qualidade de vida da população receptora, que, uma vez garantida, permite tanto atender da melhor maneira o consumidor e suas expectativas quanto estabelecer relações harmoniosas entre os turistas e as comunidades.

Em relação à perspectiva ambiental, ou ecológica, o turismo estabelece uma estreita relação de dependência com o meio ambiente. Como qualquer atividade econômica ele envolve a utilização dos recursos naturais que, por sua vez, constituem a base para o seu desenvolvimento. Desta forma, é imprescindível que a atividade turística se preocupe com a preservação, a conservação e a revalorização do ambiente natural.

A contribuição do turismo para a garantia do bem estar ambiental e ecológico está associado ao provimento de incentivos e renda necessários à manutenção dos recursos naturais, ou mesmo áreas de preservação ambiental. A própria receita gerada pelas atrações turísticas pode ser investida na manutenção e gerenciamento das

áreas e em mecanismos mais racionais de utilização destes recursos, substituindo outras práticas mais agressivas e minimizando, assim, os possíveis impactos negativos (OMT, 2003). O turismo pode ainda colaborar para a criação e implantação de planos e programas de conservação, promover a descoberta e acessibilidade de certos aspectos naturais, estimular o reconhecimento e a valorização dos elementos da natureza e estreitar as relações psicofísicas entre o homem e seu ambiente natural (RUSCHMANN, 2001).

Entretanto, como fruto do sistema capitalista, o turismo não foge a regra do consumismo e da geração de capital, fazendo dos recursos naturais produtos a serem vendidos. Quando feita de forma inadequada, a atividade turística pode colaborar para a degradação ambiental, através do uso abusivo e exaustivo aumentando índices de poluição das águas, do ar, sonora e visual; transformando as paisagens e estéticas locais; perturbando a vida selvagem e o equilíbrio ecológico dos ecossistemas; e provocando também a erosão dos solos. De acordo com o Guia de Desenvolvimento do Turismo Sustentável, apresentado pela OMT, a proteção do meio ambiente e a minimização dos impactos ambientais devem ser considerados ao longo do processo de planejamento e gerenciamento turístico (OMT, 2003).

Fatores como o estabelecimento da capacidade de carga que respeitem os limites de mudanças aceitáveis, o zoneamento das áreas acessíveis aos turistas, a criação de permissões, licenças e taxas, a criação de sistemas de gerenciamento dos visitantes e o estabelecimento de estratégias adequadas de marketing e educação representam importantes ferramentas para o desenvolvimento sustentável do turismo, devendo estar presentes no planejamento de qualquer destino ou atração turística (OMT, 2003; RUSCHMANN, 2001; LINDBERG e HUBER Jr., 2001).

Tendências turísticas: o turismo da vida selvagem

Até os anos 1980, o setor turístico caracterizava-se por oferecer viagens padronizadas, através de pacotes rígidos que permitiam manter preços reduzidos, e um turismo de massa. No entanto, mais precisamente a partir da década de 1990, inúmeros fatores contribuíram para mudar este contexto.

Com o aumento do tempo livre, melhores salários, aumento nos níveis educacionais, maiores expectativas de vida, surgem consumidores mais bem informados e amplia-se a diversidade de suas necessidades e desejos, tornando-os relativamente mais sofisticados e exigentes. Assim, com o surgimento de um enorme espectro de motivações e expectativas, o turismo passa a ter que buscar diferenciadas alternativas de viagens que satisfaçam a estes novos desejos e necessidades. Somando-se a isso, com a globalização e a evolução da tecnologia, os produtos turísticos são capazes de se tornarem mais acessíveis e especializados, enquanto os serviços podem aumentar os seus níveis de qualidade, de acordo com o público alvo em questão.

O turismo tende a se expandir, tornando-se mais flexível e segmentado, no contexto em que os viajantes apresentam diversificadas motivações de viagem, em que o individualismo é reconhecido, em que a tecnologia colabora para a evolução

dos transportes, equipamentos e serviços turísticos e do *marketing*, e as pessoas passam a enxergar uma gama de oportunidades de destinos (COOPER *et.al.*, 2001).

No que se refere ao turismo de lazer, dado o seu crescimento, a sua maturidade, e a competitividade, e visto que o turista atual tem maiores condições de estar informado sobre diferentes produtos e preocupa-se em valorizar o dinheiro que dispõe, tornam-se imprescindíveis inovações no mercado. Dentre os segmentos especiais do mercado turístico de lazer, se destacam as atividades realizadas em áreas naturais, essencialmente, o segmento do ecoturismo. De acordo com a OMT (2003), há dificuldades em determinar a dimensão desta atividade, mas, tem se mostrado crescente e importante. Acredita-se, ainda, que está diretamente relacionada à sofisticação dos viajantes e o desejo de auto desenvolvimento através das viagens.

Segundo Ruschmann (2001, p.21), uma maior sensibilidade ambiental e social e “o crescimento da demanda e, conseqüentemente, da oferta turística, e as facilidades para as viagens tornaram o mundo inteiro acessível aos viajantes ávidos por novas e emocionantes experiências em regiões com recursos naturais e culturais consideráveis”.

É nesse ambiente que o turismo de vida selvagem¹ ganha destaque e torna-se importante dentro do segmento do ecoturismo, apresentando um número crescente de participantes e de valores econômicos e conservacionistas (ROE *et.al.*, 1997).

O *Cooperative Research Centre (CRC) for Sustainable Tourism*² (2004) descreve o turismo de vida selvagem como as atividades baseadas na interação entre visitantes e animais não domesticados em seu habitat natural ou em cativeiro, atraídos pelos mais diversos interesses, contemplativos, mercadológicos ou de pesquisa. Incluem mergulhos recreativos, safáris na África, Observação de Baleias, Observação de Aves ou até mesmo visitas a zoológicos e a caça e pesca esportiva.

Tal prática turística tem início no período pós segunda guerra mundial, principalmente através da observação da fauna em Parques Nacionais. Porém, atualmente, tem sido praticada em áreas comuns ou dentro de propriedades privadas. De acordo com a *Commonwealth Australia* (1996 *apud* SINHA 2001), o turismo de vida selvagem desenvolvido sem o controle do governo australiano é significativo, considerando que 70% do território nacional está sob gestão privada ou de povos indígenas.

Grande parte da literatura classifica o turismo de vida selvagem em:

- *Non-consumptive* (“sem o uso”): aquele que envolve as atividades recreacionais onde não há a caça ou morte do animal. Consiste em atividades de observação, filmagens e fotografias da vida selvagem. Neste caso há turistas que viajam na intenção desta prática, os quais esperam ver e interagir com os animais no destino turístico, e aqueles visitantes que não viajam na intenção específica de observarem os animais, mas consideram agregar valor a viagem com esta experiência recreativa;
- Espera-se que este tipo de turismo passivo seja menos invasivo e prejudicial aos animais observados. Mesmo assim, os impactos negativos do turismo podem ocorrer quando se considera a interferência humana sobre os

comportamentos dos animais, ocasionada principalmente pela ausência de controle da atividade;

- *Consumption* (“com o uso”): aquele que envolve a captura ou morte do animal ou parte do mesmo, através da caça, pesca ou jogos e campeonatos desportivos (FREESE, 1998 *apud* CRC, 2004). Embora este tipo de atividade seja classificada como destrutiva e interfira diretamente na vida do animal, a intensiva e efetiva regulamentação permite que o turismo não interfira na sobrevivência das populações animais.

Segundo Sinha (2001) o foco no turismo de vida selvagem é decorrente de três fatores. O primeiro é que há um crescimento no interesse do gerenciamento desta “vida selvagem” por profissionais, governos e organizações não- governamentais em sinergia às atividades turísticas e de conservação. Em segundo lugar, os animais selvagens são cada vez mais utilizados pelo e para turismo, como estratégias de marketing em alguns países (por exemplo, Escócia: aves e mamíferos marinhos, Índia: tigres, China: pandas gigantes). Segundo o autor, este segundo fator está associado ao terceiro: para muitos turistas os animais selvagens são, particularmente, mais interessantes em relação aos outros elementos da natureza.

O crescimento desta atividade e sua importância no cenário turístico mundial é notório, tanto pelo número de participantes e adeptos quanto pelas divisas geradas. Alguns estudos mais pontuais demonstram este crescimento. De acordo com Hoyt (2001), o número de observadores de cetáceos³, entre 1991 a 1998, passou de 4 milhões a 9 milhões de pessoas, um acréscimo de cerca de 12,1 % ao ano (Figura 3), e os países que demonstram maior participação são os Estados Unidos, Canadá, Ilhas Canárias (Espanha), Austrália e África do Sul. Estima-se que as atividades de mergulho recreativo atraem anualmente 14 milhões de pessoas (SHACKLEY, 2001 *apud* CRC, 2004) e que mais de 2 milhões de turistas saem em submarinos para a contemplação do fundo do mar, movimentando financeiramente U\$ 150 milhões de dólares (CARTER; CARTER, 2000 *apud* CRC, 2004).

Poucos estudos apresentam informações e estimativas consistentes sobre a importância econômica do turismo de vida selvagem. Baseado nos dados apresentados pela CRC (2004), o Quadro 1 apresenta algumas informações para espécies animais específicas.

Considerando o movimento mundial pela sustentabilidade em todos os setores da economia, inclusive no turismo, atividades que prevêm a práticas recreativas aliadas ao equilíbrio ecológico, equidade social e viabilidade econômica ganham destaque. Neste sentido, o turismo de vida selvagem ganha destaque e tem sido compreendido e utilizado como ferramenta de conservação da natureza, pois traz em si a proposta de garantir a manutenção das populações animais, proporcionar a maximização dos benefícios econômicos e sociais às pessoas, organizações e governos que participam desta atividade turística e ainda é capaz de sensibilizar psicologicamente os turistas, garantindo uma demanda contínua para a atividade e para a conservação destes recursos naturais. Segundo Matos (2003), as espécies animais consideradas carismáticas provocam

forte sentimento de responsabilidade nas pessoas e é o valor pessoal destas emoções que leva a uma cobrança social de conservação da natureza.

Quadro 1: Exemplos de estimativas de impactos econômicos do turismo de vida selvagem.

Table 1: Examples of estimates of economic impacts of wildlife tourism.

<ul style="list-style-type: none">• Os gorilas da montanha salone geram anualmente a Rwanda US\$4 milhões (Groom et al. 1991).• Cada leão individualente no Parque Nacional de Amboselili National Park vale US\$515,000 como recurso turístico por toda sua vida (Thresher 1981).• O valor econômico atribuído ao Turismo de vida Selvagem internacional na Austrália representa AUD\$1.8 a AUD\$3.5 bilhões por ano, e somente os Koalas geram cerca de AUD\$1.1 bilhões (Hundloe and Hamilton 1997; Davis 2001).• O centro escocês de aves marinhas realia anualmente uma contribuição de 1 milhões de libras para a economia local (Brock 2002).

Fonte: Adaptação e tradução de própria autoria a partir de CRC (2004).

Source: Adaptation and translation of CRC (2004) by the author.

No entanto, já alertava Lindberg, em seu trabalho de 1992, que atividades de ecoturismo e o senso comum de esperar que os ecoturistas são ambientalmente mais sensíveis não garantem a sustentabilidade da prática turística e é necessário maiores estudos sobre estas atividades e seus impactos.

O papel do turismo de observação da vida selvagem para a conservação da natureza

O turismo de observação da vida selvagem representa um segmento do turismo de vida selvagem o qual envolve a contemplação de animais em seu habitat natural. A contemplação ocorre, essencialmente, pela observação, porém em alguns casos pode envolver interações com os animais, como o toque e oferecimento de alimento (UNEP/CMS, 2006).

A observação da vida selvagem segue os princípios do ecoturismo, pois visa a conservação do patrimônio natural e cultural; envolvimento das comunidades locais e indígenas em seu planejamento de desenvolvimento e operação, contribuindo para o seu bem-estar; e a interpretação do patrimônio natural e cultural para os visitantes. (UNEP/CMS *op. cit.*, p.10)

A CRC (2004) aponta que o crescimento do turismo de vida selvagem é evidenciado, justamente, pelo crescimento das atividades de observação de animais e submarinas, apresentados nos estudos de Hoyt e Carter & Carter . De acordo com a UNEP/CMS(2006), apenas entre os anos de 2003 e 2004, o número de turistas que participaram de atividades de observação de baleias em Sidney, Austrália, dobrou e o total de receita gerado quadruplicou. Somente na América Latina as atividades de *whale watching*, a observação de cetáceos, têm crescido a uma taxa de 11,3% ao ano (de 1998 a 2006), o que representa três vezes a taxa de crescimento do turismo mundial (ROMAGNOLI *et. al.* 2011).

Em alguns lugares, como na África Oriental e nas ilhas Galápagos, a vida selvagem tem sido o alicerce sobre o qual o turismo se desenvolve. Em outros, a observação da vida selvagem é uma nova atração que está ajudando a diversificar o turismo e promover o desenvolvimento comunitário em áreas remotas, como observado por Brumatti (2008) no Arquipélago de Abrolhos, extremo sul da Bahia, Brasil.

Segundo Brumatti (2008), a importância atribuída ao crescimento do *whale watching* e demais atividades de observação da fauna está diretamente relacionada aos fatos: geração de renda e emprego com uma melhor distribuição, em contrapartida à caça comercial, onde apenas grandes e poucas indústrias participam dos benefícios econômicos da exploração destes recursos naturais; o uso não letal dos animais, o que colabora com a conservação das espécies e com a possibilidade de trabalhar com a educação ambiental com todos os agentes envolvidos; auxílio à pesquisa científica com o aumento de estudos sobre a história natural e comportamento dos animais em seu próprio ambiente.

Além dos impactos positivos potenciais como uma atividade turística, acredita-se que o encontro entre os animais em seu habitat e os humanos são capazes de proporcionar profundas experiências pessoais, gerando impactos extraordinários na vida das pessoas (VALENTINE; BIRTLES, 2004). Portanto, os efeitos desta atividade recreativa ultrapassam o econômico, social e ambiental atingindo questões de ordem psicológica.

Algumas espécies animais carregam um forte apelo sentimental e acabam atraindo inúmeros curiosos e até estudiosos, colaborando para a conservação animal e todo seu ambiente. Estas espécies, conhecidas como espécies-bandeira, “são aquelas carismáticas para o público, usadas como propaganda para proteger determinada área, que protegerá outras espécies menos conhecidas e/ou carismáticas e seus habitats” (VILAS BOAS; DIAS, 2010). São animais capazes de agregar valor econômico e ambiental quando usadas como símbolos e propaganda em uma localidade turística. Segundo a CRC (2004), as aves e os mamíferos estão entre os animais favoritos para a observação. Exemplos disto são: os pandas gigantes, as baleias jubartes, os golfinhos, os tigres, koallas, cangurus, urso polar, pinguins, araras, tucanos, entre outros. Para Primack e Rodrigues (2002, p.135), “*muitos parques e santuários de vida selvagem têm sido criados para proteger espécies carismáticas, [...] que são importantes como símbolos nacionais e até como atrações turísticas*”.

Neste contexto, os governos e grandes organizações internacionais de conservação passam a apoiar a ideia de que o turismo baseado na natureza, se bem gerido, representa um importante instrumento que pode alcançar metas comerciais, recreativas e

conservacionistas simultaneamente. Em áreas onde existe o uso equilibrado da fauna, o desenvolvimento do turismo baseado na observação da vida selvagem ou caça pode proporcionar incentivos econômicos e receitas para preservação dos habitats naturais e da própria fauna selvagem (HIGGINBOTTOM *et. al.*, 2001).

A conservação dos recursos naturais através da atividade de observação da vida selvagem relaciona-se ao que as pessoas fazem ou deixam de fazer, direta ou indiretamente, para os animais selvagens e seus habitats naturais em longo prazo.

De acordo com a CRC (2004) a potencialidade do turismo de vida selvagem para a conservação da natureza pode ser classificada nas seguintes categorias:

- Gestão direta do turismo de vida selvagem e apoio a pesquisa: considerando a manipulação das espécies e seus habitats para a manutenção das populações e demais recursos ambientais, pelos operadores de mercado e pelos turistas;
- O uso da receita gerada pelas atividades turísticas como fundo para a conservação dos recursos naturais e áreas de preservação: pode ser usada pelas próprias empresas que exploram a atividade na manutenção dos recursos ou em forma de doações à organizações voltadas à preservação dos recursos e ambientes naturais;
- Incentivos socioeconômicos para a conservação – engajamento e participação dos operadores turísticos e comunidades locais, que se beneficiam financeiramente com a atividade de observação dos animais, a tomarem ações em prol da conservação destes recursos naturais;
- Educação dos turistas no sentido de apoiar ações para a conservação: influenciando e pressionando a criação de políticas conservacionistas, o respeito e compreensão das mesmas e estímulo a doações para a conservação.

As potencialidades do turismo de observação da vida selvagem para a conservação da natureza e seus elementos são ilustradas conforme Figura 1.

Acredita-se, portanto, que o turismo de observação da vida selvagem pode colaborar para a conservação da natureza através do fomento às atividades de gerenciamento dos recursos naturais e fomento da pesquisa científica, visando aprimorar o conhecimento sobre a dinâmica ecológica e os impactos derivados de atividades como a observação de animais em seu habitat natural; da utilização das receitas financeiras geradas pelas atividades turísticas em ações de conservação como a criação e manutenção de parques nacionais e áreas de proteção ambiental, fomento a pesquisa e à organizações de proteção dos animais; do beneficiamento socioeconômico de empresas, governos e comunidades locais, motivando-os a colaborar para a conservação das espécies e seus habitats garantindo a manutenção da fonte dos benefícios; e da educação de todos os agentes envolvidos, permitindo uma mudança de atitude frente ao uso dos recursos naturais, realização pessoal e psicológica e maiores informações e conhecimentos sobre o meio ambiente.

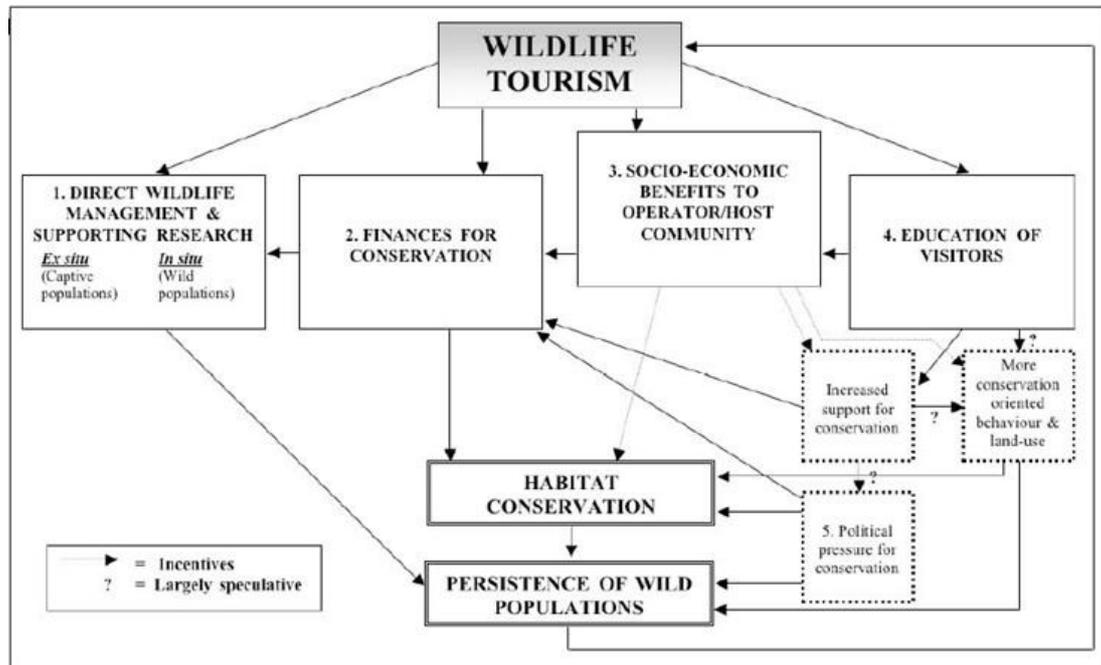


Figura 1: Benefícios potenciais do turismo de observação da vida selvagem.

Figure 1: Potential benefits of wildlife viewing.

Fonte: CRC (2006, p.100). Adaptado de Higginbottom, Tribe e Booth (2003).

Source: CRC (2006, p.100). Adapted from Higginbottom, Tribe and Booth (2003).

Entretanto, é necessário considerar os efeitos negativos destas atividades, tanto efeitos de curto prazo, quanto de longo prazo. As atividades de observação da vida selvagem são capazes de interferir na fisiologia e comportamento animal, que por sua vez pode vir prejudicar índices de natalidade e padrões reprodutivos de populações animais inteiras, interferindo em todo um ecossistema. Ou seja, impactos de curto prazo cumulativamente podem levar ao desenvolvimento de impactos de longo prazo que vêm a interferir em processos ecológicos das populações animais e dos ecossistemas.

De acordo com Roe *et. al.* (1997), em geral, o *Whale Watching* ocorre, principalmente, em áreas cruciais de parte da história natural destes animais, como exemplo as rotas migratórias ou áreas de alimentação e reprodução, que tornam o encontro mais garantido, mas, que ao mesmo tempo, por serem áreas de grande relevância para os animais, pode-se alterar e ou perturbar todo o comportamento característico das espécies e assim interferir em sua sobrevivência.

Brumatti (2008) aponta que a grande preocupação em relação ao turismo de observação das jubarte está relacionada a fatores como: intenso tráfego de embarcações turísticas; estreita proximidade destes barcos sobre as baleias que estão muitas vezes acompanhadas de seus filhotes nas áreas de reprodução; poluições sonoras, que podem provocar mudanças nos padrões da sonorização produzida por elas para a comunicação⁴; distúrbios nos seus deslocamentos, na distribuição e na formação dos grupos (mãe-filhote, macho-fêmea); alteração nos comportamentos usuais (ex:

tempo de amamentação e intervalo respiratório); choque acidental com as embarcações. Inúmeros estudos ainda apontam que existe uma relação direta entre os comportamentos das espécies observadas e a distância que se dá esta aproximação dos animais (GREEN; HIGGINBOTTOM 2001 *apud* CRC, 2004).

Neste contexto, esta forma turismo baseado na vida selvagem pode traduzir muitos resultados favoráveis ao desenvolvimento turístico e à conservação da natureza, mas para que seja sustentável e se respeite os princípios do ecoturismo é necessário considerar muitos fatores. Há necessidade significativa de capacitação profissional em todos os níveis e participação direta do poder público na ativação dos códigos de conduta, diretrizes e desenvolvimento de melhores práticas. Deve haver a participação efetiva de todos os interessados no ordenamento da atividade a fim de garantir que os benefícios atinjam a todos, e a tarefa crucial é preservar as espécies já ameaçadas por perda dos habitats, pelas pressões antrópicas sobre os ecossistemas.

São muitas as incertezas associadas ao crescimento do turismo de vida selvagem. Ainda há um conhecimento insuficiente sobre os efeitos da atividade recreativa para a espécie-alvo; a falta de clareza sobre o desejo de proximidade na observação da vida selvagem pelos turistas (incluindo a disposição de assumir riscos e incerteza como parte da experiência); a possibilidade de expansão e utilização de novos grupos de espécies-alvo, o tipo de desenvolvimento econômico compatível com os princípios da sustentabilidade turística e ambiental; e identificação de indicadores apropriados para medidas de acompanhamento e sustentabilidade.

De acordo com Filla e Monteiro Filho (2009), o turismo de menos impacto deve ainda ser abordado de forma sistêmica: 1) conjunto da organização estrutural, que compreende as políticas públicas e privadas relacionadas ao funcionamento do turismo e a infraestrutura geral; 2) conjunto das ações operacionais, que envolve a dinâmica de atuação das organizações, como a oferta, produção, distribuição, demanda e consumo e 3) conjunto das relações ambientais, que são as consequências ecológicas, sociais, culturais e econômicas do turismo. “*O equilíbrio entre estes grupos possibilitará um turismo mais humano, atendendo as necessidades ambientais e das comunidades receptoras, dos turistas e dos empresários, nesta ordem*” (GOMES *et. al.*, 2006, p.15).

O elenco de preocupações citadas confirma ser este tipo de turismo uma atividade geradora de impactos sociais, econômicos e ambientais, e a necessidade de ser estruturado e organizado, visando, preferencialmente, impactos positivos e uma prática sustentável.

Conclusões

O turismo é, sem dúvida, uma atividade capaz de mobilizar, todo ano, milhões de pessoas, levando a uma série de impactos socioculturais, econômicos e ambientais nas comunidades receptoras e todos os agentes envolvidos, que refletem em profundidade sobre o nível local onde é desenvolvido (DIAS, 2003). Há portanto, uma grande preocupação sobre a sustentabilidade desta atividade, a real participação e beneficiamento das comunidades locais pelo turismo e a conservação da natureza.

Muitos segmentos do setor turístico surgiram a partir da década de 90 com a proposta de garantir a conservação do patrimônio natural e cultural com o envolvimento das comunidades locais, visando minimizar os impactos negativos advindos desta atividade comercial. Dentre estes segmentos, surge o turismo de vida selvagem que vem apresentando um acelerado crescimento, tanto no número de participantes e interessados (turistas, governos, organizações não governamentais, comunidades), quanto na significativa receita gerada pela atividade recreativa.

Acredita-se que o turismo de observação da vida selvagem, por utilizar de maneira direta, porém não letal, dos recursos naturais, as espécies animais e seus habitats, e ser procurado por turistas ambientalmente mais interessados, representa uma importante ferramenta de conservação da natureza. A interação e aproximação das pessoas com os animais, principalmente com as espécies-bandeira, com forte apelo carismático, podem levar a uma maior e mais rápida sensibilização ambiental da sociedade e a procura por ações voltadas a conservação da natureza. Além disso, o retorno financeiro pode fomentar várias atividades ligadas à conservação dos recursos naturais, como a manutenção de áreas de preservação, financiamento de pesquisas e maior conhecimento das espécies e seus ecossistemas.

Na realidade, o cerne da discussão está em como melhor aproveitar os benefícios desta atividade sem que traga muitos prejuízos a natureza e seus elementos, porém sem desconsiderá-los. O sucesso de um bom ordenamento e gestão do turismo de vida selvagem está relacionado às considerações de acesso público sobre as intenções comerciais e impactos biológicos claramente definidos.

Portanto, é necessário reconhecer a importância econômica e ambiental do turismo de observação da vida selvagem e estimular seu desenvolvimento para a conservação, mas ao mesmo tempo verificar e apresentar mais estudos consistentes sobre os impactos da atividade na vida destas espécies e em seus habitats, colaborando para a gestão, ordenamento e definição de diretrizes e normas de desenvolvimento deste tipo de turismo coerentes aos princípios da sustentabilidade.

Referências bibliográficas

BENI, M.C. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: Senac, 1998.

BRUMATTI, P.N.M. Análise das potencialidades do desenvolvimento sustentável do turismo de observação de baleias, *Whale Watching*, na costa da Bahia, Brasil. **Dissertação** (Mestrado) - Mestrado de Cultura e Turismo, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2008.

COOPER, C.; FLETCHER, J.; WANHILL, S.; GILBERT, D.; SHEPERD, R. **Turismo Princípios e Prática**. 2º ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CRC. Cooperative Research Centre for Sustainable Tourism. **Wildlife tourism: impacts, management and planning**. Common Ground Publishing, Australia, 2004.

DIAS, R. **Turismo Sustentável e Meio Ambiente**. São Paulo: Atlas, 2003.

FERNANDES, I.P.; COELHO, M.F. **Economia do Turismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

FILLA, G.F.; MONTEIRO FILHO, E.L.A. O Desenvolvimento do Turismo Náutico e a sua Ligação com a Observação do Boto-Cinza (*Sotalia guianensis*) na Região de Cananéia, Litoral Sul do Estado de São Paulo. **Turismo em Análise**, v.20, n.2, agosto 2009.

GOMES, B.M.A.; ROMANIELLO, M.M.; SILVA, M.A.C. Os efeitos do turismo em comunidades receptoras: um estudo com moradores de Carrancas, MG, Brasil. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimônio Cultural**, v.43. n.3, pp.391-408. 2006.

HIGGINBOTTOM, K., RANN, K., MOSCARDI, G., DAVIS, D.; MULOIN, S. Status Assessment of Wildlife Tourism in Australia: an overview. **Wildlife Tourism Research Report No. 1**, CRC for Sustainable Tourism, Gold Coast, Australia. 2001.

HOYT, E. **Whale Watching 2001: Worldwide tourism numbers, expenditures and expanding socioeconomic benefits**. International Fund for Animal Welfare. Yarmouth Port, MA, USA. 2001

LEME, F. B. M. Represas como territórios, lugares e paisagens: subsidio para o planejamento turístico sustentável. **Dissertação** (Mestrado) - Mestrado de Cultura e Turismo, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2007.

LINDBERG, K. International Issues in Ecotourism Management with Applications to Kenya. In: GAKAHU, C.G.; Goode, B.E. (Eds.), **Ecotourism and Sustainable Development in Kenya** (pp. 1- 13). Wildlife Conservation International, Nairobi, 1992.

LINDBERG, K.; HUBER Jr., R M. Questões econômicas na gestão do turismo. In: HAWKINS, K.; LINDBERG, D.E. (Orgs.) **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. 3 ° edição. São Paulo, SP: SENAC, 2001.

OMT. **Introdução ao turismo**. São Paulo: ROCA, 2001.

OMT. **Turismo Internacional: uma perspectiva global**. 2° ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PELLEGRINI FILHO, A. **Ecologia, Cultura e Turismo**. Campinas: Papirus, 1993.

PRIMARK, R.; RODRIGUES, E. **Biologia da Conservação**. Londrina, PR: Sinauer, 328 p.2002.

RESENDE, L.A. A Construção de Produtos Turísticos com Base Local: uma reflexão sobre o *marketing* societal no turismo brasileiro a luz da comunidade de Canavieiras-BA. **Dissertação** (Mestrado em Cultura e Turismo), Mestrado de Cultura e Turismo Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2005.

ROE, D.; WILLIAMS, N.L.; CLAYTON, B.D. **Take only photographs, leave only footprints: the environmental impacts of wildlife tourism**. London: The International Institute for Environment and Development, 1997.

ROMAGNOLI, F.C.; SILVA, V.M.F; NELSON, S.P.; SHEPARD-Jr, G.H. Proposta para o turismo de interação com botos-vermelhos (*Inia geoffrensis*): como trilhar o caminho do ecoturismo? **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.4, n; 3, pp.463-480, 2011.

RUSCHMANN, D.V.M. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. 7° ed. Campinas: Papyrus, 2001.

SINHA, C. **Wildlife tourism: a geographical perspective**. Paper apresentado no The Geography Curriculum Inservice Conference, Tourism Geography: Issues, Challenges and the Changing Nature of Contemporary Tourism, University of Western Sydney, Hawkesbury Campus, 27 July 2001.

VALENTINE, P.; BIRTLES, A. Wildlife Watching. Chapter 2. In: Cooperative Research Centre for Sustainable Tourism. **Wildlife tourism: impacts, management and planning**. Common Ground Publishing, Australia, 2004.

VILAS BOAS, M.H.A.; DIAS, R. Biodiversidade e turismo: o significado e importância das espécies-bandeira. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 3, n.1, p. 91-114, abril de 2010.

UNEP/CMS. United Nations Environment Programme and Conservation of Migratory Species of Wild Animals. **Wildlife Watching and Tourism: A study on the benefits and risks of a fast growing tourism activity and its impacts on species**. UNEP / CMS Secretariat, Bonn, Germany. 68 pages. 2006.

Notas:

¹ O termo generalista “selvagem” refere-se a fauna e flora, mas neste contexto do turismo de “vida selvagem” é entendido como a atividade de interação com a fauna selvagem, aquela não domesticada, incluindo insetos e animais marinhos.

² Centro Cooperativo de Pesquisa para o Turismo Sustentável. Tradução própria.

³ Taxonomicamente os cetáceos são os animais conhecidos popularmente como baleias, golfinhos e botos pertencentes à ordem CETACEA.

⁴ As baleias jubarte também são conhecidas como baleias cantoras, pois são capazes produzir canções com sistemas de ritmos e produção de frases melódicas, compreendidas como estratégias de reprodução.

Paula Normandia Moreira Brumatti: Instituto Federal de Educação de Pernambuco, Barreiros, PE, Brasil.

Email: paulanmb@yahoo.com.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8162160743491260>

Data de submissão: 05 de agosto de 2013

Data de recebimento de correções: 05 de agosto de 2013

Data do aceite: 01 de setembro de 2013

Avaliado anonimamente